

Curso Universitário é Garantia de Emprego neste Mundo Globalizado?

Waldir José Rampinelli *

A Partir dos anos 30, quando o Estado Populista toma forma no Brasil e o governo passa a investir já não tanto no modelo primário-exportador mas na industrialização, dá-se a consolidação e o triunfo do capitalismo no país. O crescimento econômico acontece, basicamente, orientado para o mercado interno, com a conseqüente formação dos núcleos urbanos, sendo o nacionalismo o componente ideológico que marcará este novo padrão de acumulação.

Nessa conjuntura há uma procura pelas cidades que começam a se formar e a gerar empregos, dispensando-se, inclusive, a necessidade de mão-de-obra muito qualificada, já que fábricas e indústrias não dispõem de equipamentos de alta tecnologia. Com o curso *primário* completo, o trabalhador se sentia apto para uma função mais técnica; com o *ginásio* feito, poderia ser um instrutor; e, caso dispusesse do segundo grau, com certeza, ocuparia um cargo de direção. Há uma forte atração pelo trabalho urbano, pois a legislação social começava a garantir a estes empregados vantagens não conferidas aos camponeses.

Ao longo desse período, afirma Décio Saes - referindo-se especificamente ao período de 1930 a 1943 - o Estado concederá progressivamente à classe operária uma legislação do trabalho assim como uma estrutura sindical, reconhecendo o seu potencial direito à reivindicação e concedendo-lhe a cidadania. Com essa estratégia o Estado organiza a classe operária, antes que esta o faça dentro de uma perspectiva corporativa e politicamente autônoma.¹

Duas características marcam este padrão de acumulação: a) a industrialização, baseada na substituição de importações, não chega a suprir as necessidades internas de bens de capital assim como de bens intermediários relativamente sofisticados e complexos e, b) a indústria se concentra no mercado interno, não desenvolvendo praticamente nenhuma capacidade exportadora, sendo que o pouco que o faz ainda se restringe aos produtos primários.²

Com o golpe de Estado de 31 de março de 1964, abandona-se o modelo anterior e adota-se um novo padrão de acumulação: o secundário exportador. A

ditadura militar impulsiona a exportação de bens manufaturados, eleva a dinâmica da produtividade do trabalho, aumenta a abertura da economia ao capital internacional, permite o crescimento da taxa de mais-valia com a redução dos salários e mantém o monopólio estatal em alguns setores. Este modelo, imposto por meio de políticas autoritárias, usa do mecanismo da tortura, perseguição e até execução de líderes de sindicatos, de movimentos sociais e de partidos políticos, para permitir que o padrão de acumulação aconteça.

Nos primeiros dez anos da ditadura há um crescimento da economia, principalmente durante o *milagre econômico*³, que se baseou em empréstimos externos. Neste momento, os estudantes que terminam os cursos superiores, na sua grande maioria, encontram trabalho imediatamente. Principalmente quando se trata de algumas áreas, como por exemplo, as tecnológicas.

A partir de meados dos anos 70, o capitalismo entra em crise e busca-se, então, um novo padrão de acumulação: o neoliberal. Alguns acontecimentos políticos mundiais aceleram a implantação deste modelo. O primeiro deles foi a mudança radical do governo Carter - entre julho e outubro de 1978 - dando início à Segunda Guerra Fria, que Ronald Reagan conduzirá com muita propaganda e um alto espírito belicoso. O segundo foi a chegada ao poder de dirigentes políticos conservadores, como Thatcher na Inglaterra (1979), Kohl na Alemanha (1982) e Schluter na Dinamarca (1983). Deste modo, a década dos anos 80 começa com o triunfo da ideologia neoliberal na maioria dos países de capitalismo avançado, alaistrando-se em seguida para o Terceiro Mundo. Alguns fatos mundiais do fim dos anos 80 e início dos anos 90 corroboram a estratégia de dominação dos países desenvolvidos.

As políticas neoliberais são, portanto, o resultado da crise do Estado nacional-populista, do colapso do *socialismo real* e da nova ordem internacional imposta ao mundo com a "vitória" do Pentágono na Guerra do Golfo. Obviamente que as ditaduras militares de segurança nacional, da América Latina, abriram caminho para que o neoliberalismo avançasse, quando eliminaram as lideranças progressistas que poderiam se opor a tais políticas.

A partir destas conquistas, os países latino-

americanos - entre eles o Brasil - sofrem todo tipo de pressão dos organismos financeiros internacionais para que se ajustem a esta nova ordem econômica, imprópria-mente chamada de *globalização*.

1. A EMPREGABILIDADE E A UNIVERSIDADE

Alguns setores de nossas universidades públicas, frente a esta nova conjuntura nacional e internacional, partem do princípio de que os estudantes devam ser preparados para serem geradores de empregos. É a *empregabilidade*, a qual consiste em inserir-se em um mercado de trabalho em constante mutação, sendo gestor do mesmo. Afinal de contas, afirmam os docentes de tais setores, o grande patrão - o Estado - já não comporta mais funcionários públicos em seus quadros e, face à sua *reestruturação*, é necessário preparar nossos profissionais para buscarem alternativas viáveis nesta *sociedade globalizada*.

Belo discurso e princípio atraente, não fosse uma conjuntura totalmente adversa aos novos *empregadores*. Ademais, vivemos em um país do Terceiro

Mundo pós guerra fria, que passa por um duro processo de recolonização. Basta ver, por exemplo, a drástica redução da participação do comércio latino-americano em nível mundial⁴, bem como a aprovação da Lei de Extra-territorialidade pela Corte de Justiça dos Estados Unidos.⁵

Primeiramente, não se vive hoje um modelo capitalis-

ta competitivo, no qual o mais eficiente sobrevive, mas sim uma época marcada essencialmente por monopólios privados. Tanto que as 500 empresas multinacionais que dominam o mercado mundial, cada vez mais se aproximam, chegando até, algumas delas, ao processo de mega-fusão. Já se calcula que 40% (cifra de 1987, hoje possivelmente maior) deste comércio global não é mais realizado através de um mercado livre, mas sim intra-empresarial. Ou seja, hipoteticamente, a Volkswagen brasileira, onde a mão-de-obra é mais barata, envia motores à matriz na Alemanha, que por sua vez acrescenta algo aos mesmos, exportando-os em seguida para uma linha de montagem de carros em uma filial mexicana, já que ali os salários são mais baixos, os sindicatos estão controlados pelo governo e inclusive não há leis severas contra a poluição ambiental. Tais

corporações formam hoje um super-Estado (regido pelo *governo mundial de fato*), destinado tão-somente a defender o seu objetivo maior: o lucro.

A IBM, a GM e outras empresas estadunidenses tentam se apropriar - afirma Chomsky - do controle público estatal, destruindo as próprias administrações públicas. Enfim, canalizam para si o excedente econômico, e em troca nada oferecem. Bill Gates, continua Chomsky, é um *parasita* que se valeu de pesquisas realizadas com dinheiro do Estado para tornar-se o homem mais rico do mundo.⁶ Portanto, não haverá lugar para micros-pequenos-médios empresários, que eventualmente pensem em criar indústrias que afetem tais áreas de interesse.

Diante desta conjuntura, respondem alguns docentes que os estudantes devem buscar alternativas, ou seja, criar pequenos negócios que não estejam na esfera do interesse das multinacionais. Ora, ninguém pode imaginar o que não é do interesse destes gigantes do mercado, ou melhor, tudo faz parte do seu horizonte quando há a possibilidade do lucro. Na cidade de Florianópolis, por exemplo, era grande o número de *Drivers* há alguns anos. Com a chegada do *MacDonalds*, muitos fecharam as portas. Quem diria que uma multinacional tomaria conta dos lanches do mundo? Já há interesse de multinacional inclusive em conserto de sapatos e venda de sucos de laranja nos semáforos. Portanto, tudo, absolutamente tudo lhes interessa quando se vislumbra o lucro.

Em segundo lugar, uma *economia globalizada* - eufemismo para que o Primeiro Mundo tome conta das riquezas do Terceiro, segundo Galbraith - significa uma economia aberta. Assim sendo, não haverá proteção à indústria nacional, que obviamente sucumbirá, não pela competição, mas pelo massacre dos gigantes vindos de fora. Uma das causas do crescimento dos Tigres Asiáticos foi exatamente o protecionismo ao seu mercado interno, chegando-se até ao estabelecimento da pena de morte - na Coreia do Sul - para aqueles que evadissem divisas do país. Cabe ainda lembrar que os países de desenvolvimento acentuado (Alemanha, Japão e Estados Unidos) só puderam avançar graças às políticas populistas e protecionistas, tanto com suas indústrias emergentes quanto com seu mercado interno.

Brasil, México e, posteriormente, Coreia do Sul e Taiwan abraçaram o capitalismo "de Estado", máquina para a industrialização e diversificação das economias. A industrialização nacional-populista emergiu precisamente das crises e do colapso do liberalismo em escala mundial na década de 1930, continuando até a década de 1970.⁷

Razão têm, portanto, os Diretores de S. A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo, em um Relatório que acompanha o Balanço referente ao exercício de 1943, quando afirmam que "... o problema fundamental do Brasil é o de tornar uma realidade econômica o seu mercado interno"

Em terceiro lugar, o mercado latino-americano está cada vez mais reduzido, face às políticas fundomonetaristas que exigem de nossos governos um ajuste permanente. Basta olhar, por exemplo, as *políticas salariais* da região, que se caracterizam exatamente por sua não existência. Tanto é verdade que o salário mínimo brasileiro durante a vigência do Estado populista tinha muito mais poder aquisitivo que hoje.

Calcula-se que, no momento atual, tão-somente entre 10 e 20% da população latino-americana tenha acesso ao mercado. E a nível mundial a situação é muito semelhante, já que apenas 20% da população concentra e consome 83% do lucro do globo. Portanto, o tão propalado mercado se torna cada vez mais restrito, e consequentemente as grandes corporações darão conta dele, inclusive usando-se do mecanismo da violência, se necessário for. Basta olhar a reestruturação das forças armadas estadunidenses, que, com o fim da guerra fria e a redução da possibilidade de um conflito global, estão se preparando para intervenções rápidas e eficazes no Terceiro Mundo, com a finalidade de manter tais mercados atrelados aos interesses de Washington. Leia-se, de suas grandes corporações. Se antes as guerras eram por territórios, hoje o são por mercados.

Finalmente, o princípio de que os estudantes devam ser preparados para a *empregabilidade* em um mercado globalizado, dominado pelas multinacionais, é também estimulado pelos governos neoliberais, já que se tenta resolver temporariamente o alto índice do desemprego. Desde a ilusão da implantação de uma empresa, até a desilusão de seu fechamento, tem-se um período nada desprezível para estes governos que arrecadam bons índices de aprovação popular. A atual situação do desemprego contrasta “de modo radical” com a do período 1950-1973, afirma a Organização Internacional do Trabalho (OIT), “no qual o pleno emprego foi uma realidade nos países industrializados, e a maioria dos países em desenvolvimento teve um crescimento constante de produção e de emprego no setor estruturado”.⁸

Hoje, no México, existem pequenos empresários apoiando grupos guerrilheiros. Isto se deve à sua falência ou pré-falência, frente a um estado neoliberal que literalmente os liquidou. Quem diria, pequenos empresários envolvidos com a luta armada na defesa de seus negócios!

Portanto, penso que os que defendem o princípio acima exposto deveriam abrir um debate sério em torno da conjuntura nacional e internacional, para que não ocorram casos de profissionais recém-formados nas universidades que chegam a vender a própria casa, aplicando tudo na modernização *competitiva* de seu negócio, e de pronto percebem que serão massacrados por uma grande empresa. Este fanatismo cego e louco se assemelha ao dos *convertidos* que doaram todas suas reservas pecuniárias a suas igrejas *salvadoras*. Afinal de contas, não estarão estes setores das universidades

públicas preparando profissionais liberais com hora marcada para falirem? Não estarão criando uma falsa expectativa nos estudantes frente a um mercado monopolizado, dito *globalizado*?

2. QUEM GANHA COM O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO?

A classe dominante, através de uma incessante ocupação de espaço na mídia, costuma apresentar a globalização como um fato único e irreversível na história. Assim sendo, difunde a idéia de que só há uma atitude a tomar: aceitá-la e dela tirar o máximo de vantagem. No entanto, há duas considerações a fazer: 1) a globalização não é única na história, tanto que a conquista da América no século XVI, com praticamente metade de sua população morta logo no primeiro contato com o homem branco, foi um processo globalizante para salvar a Europa de uma profunda crise então vivida pelo mercantilismo; 2) o domínio comercial e financeiro da América Latina pelo imperialismo inglês no século XIX, impondo a esta região um verdadeiro infanticídio industrial, foi uma estratégia de globalizar o mundo, exigindo a

abertura de mercado e o fim da proteção estatal. Os produtores ingleses chegaram a percorrer a Argentina para copiar os modelos de seus ponchos e artigos de couro, fabricando-os posteriormente em Manchester a preços inferiores, e assim levando à falência a incipiente indústria dos pampas.

Tampouco o processo de globalização é irreversível, já que o ser humano é o sujeito da história e poderá conduzir este mesmo processo em favor de uma grande maioria e não apenas de alguns.

Os grandes ganhadores deste processo são, portanto, em primeiro lugar os especuladores. Calcula-se que haja entre US\$ 20 a US\$ 30 trilhões que passem pelo mundo à procura de taxas lucrativas. É um capital parasitário que cresce principalmente em cima dos ricos e débeis. Seu oportunismo é capaz de deixar estragos incalculáveis, como o ocorrido no México em dezembro de 1994, nos ex-tigres asiáticos em 1997, na Rússia em 1998 e possivelmente no Brasil hoje. O mega-investidor George Soros, trabalhando com a especulação e empregando em torno de 50 funcionários qualificados em algumas partes do mundo, conseguiu transformar US\$ 4 milhões em US\$ 12 bilhões e escreveu um livro⁹ provando o absurdo de que é capaz o sistema financeiro. Desmoraliza ele pessoalmente a economia neoclássica, que afirma ser o mercado um órgão regu-

“Se antes as guerras eram por territórios, hoje são por mercados”

lador de riqueza. Akio Morita, dono da Sony, tem razão ao afirmar que o capitalismo industrial diante do financeiro é muito laborioso, já que exige trabalho e investimento na montagem de grandes fábricas, na transformação da matéria-prima e na colocação de seus produtos no mercado. É ele que emprega, muito mais que o financeiro.

Em segundo lugar, ganham com a globalização as grandes instituições privadas que são centralizadoras e autoritárias, não levando em consideração a organização de trabalhadores e comunidades. Neste sistema ditatorial, dito de *livre empresa*, prevalece apenas um único interesse: o lucro, que por sua vez gera poder. Diante de tamanho poder das multinacionais, os Estados se tornam reféns de tais empresas e passam a incorporar a estratégia das mesmas, como políticas de desregulamentação e privatizações, valorização do capital especulativo ao invés do produtivo, liberalização dos mercados e a flexibilização dos direitos trabalhistas. Assim sendo, a pilhagem sobre os países pobres aumentou, havendo uma transferência enorme de capital destes para os ricos. Entre 1982 e 1990, cerca de US\$ 200 bilhões líquidos, incluindo a remessa de lucros e pagamento de juros, deixaram a América Latina. Apesar desta transferência, a dívida externa, que em 1980 era de US\$ 231 bilhões, saltou, dez anos depois, para US\$ 400 bilhões.¹⁰

Um terceiro ganhador são os grandes conglomerados de comunicação. As redes Globo do Brasil, Televisa do México, Bertelsmann da Alemanha, News Corp da Austrália e Viacom, ABC-Disney e Time Warner dos Estados Unidos, dominam as "mentes e os corações" das populações do mundo, lançando mão do mecanismo de um novo imperialismo, qual seja, conquistar mercados para seus produtos de entretenimento e amoldar as consciências, dissociando as pessoas de suas raízes culturais e suas tradições de solidariedade. Chomsky chega a perguntar se o Brasil ou os Estados Unidos podem ter *eleições justas*, quando a mídia se encontra majoritariamente sob o controle da grande riqueza?

Um quarto ganhador são os prestadores de serviços, tais como as companhias de seguro, as agências publicitárias, as consultorias, as corretoras, os grandes escritórios de advocacia e uma que outra empresa de manufatura. Enfim, os que estão na atividade meio e não fim.

Assim sendo, a maioria da população perde. Pois a consequência imediata desta *paper economy* é o desemprego, seguido do avanço da economia informal e do alastramento da subterrânea. Hoje, no mundo, quase um terço da população já está desempregada, ou seja,

de cada três pessoas, uma procura trabalho.

3. AS POLÍTICAS NEOLIBERAIS E O NOVO AUTORITARISMO

Frente a esta situação, começa a surgir, no campo político, um novo autoritarismo, já que democracia e livre mercado são incongruentes. O próprio Friederich Hayek, um dos pais do neoliberalismo, não considera a democracia em si um valor e defende a desigualdade entre as pessoas.

Quando a maioria das ditaduras militares de segurança nacional começou a fracassar economicamente em toda a América Latina, deu-se início a um processo de *redemocratização controlada*. Quatro garantias básicas exigiram as Forças Armadas: a) serem os árbitros e fiadores do novo regime; b) não sofrerem punições pelos crimes praticados, c) manter-se a economia de livre mercado e, d) garantir que os novos governos fossem leais às idéias ocidentais, ou seja, aos Estados Unidos. Os civis, que chegaram ao poder através de eleições, cumpriram tais acordos, à exceção da Argentina, que devido à pressão popular e ao fracasso da Guerra das Malvinas, julgou e condenou seus generais, aliás mais tarde indultados por Menem.

Os tão conhecidos ministros de economia das ditaduras abriram caminho para a implantação do capitalismo neoliberal. No entanto, em alguns países surgiram contradições entre esta abertura e a defesa do interesse nacional, já que há, por exemplo, setores das Forças Armadas que resistem à venda de algumas empresas estatais, pois avaliam que elas são fundamentais para a soberania do país. Daí a estratégia desenvolvida por Washington de substituir os militares pelos civis para poder avançar, sem percalços, rumo ao neoliberalismo.

Os civis, uma vez no poder, encontram dificuldades para implementar este novo modelo. Isso, por ser ele excludente e, portanto, encontrar resistências. No entanto, como foram eleitos compromissados com o capital internacional (leia-se Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e outros), eles escolhem a via autoritária para a aplicação das políticas neoliberais, corroborando a tese de que democracia e livre mercado não se complementam na América Latina.

Fujimori, no Peru, interveio nos poderes legislativo e judiciário, alegando falta de mecanismos constitucionais para combater a corrupção e a guerrilha. Na verdade, o objetivo fundamental desta ditadura cívico-militar é a implantação do capitalismo neoliberal, cuja consequência imediata está sendo o aumento do número dos excluídos. A economia informal, por exemplo, cresce assustadoramente no país e a cidade de Lima foi ocupada por vendedores ambulantes. O choque entre

estes e as forças policiais tem sido uma constante na capital do país.

Ménem, na Argentina, embora tivesse a maioria na Câmara e no Senado, solicitou ao Congresso superpoderes para continuar com suas políticas neoliberais, cujos resultados são a aceleração da falência do setor industrial, o desmantelamento dos serviços públicos e o aumento do desemprego, que hoje está ao redor de

15%. E o presidente afirma que seu "governo é honesto, eficaz e revolucionário (sic)".

Caldera, na Venezuela, recorreu ao estado de emergência para combater os estudantes e os favelados, dando continuidade à política neoliberal de seu antecessor Carlos Andrés Pérez. Este país, que foi sempre

visto como a democracia mais estável da América do Sul, já sofreu várias tentativas de quebra institucional e o golpista Hugo Chávez já é uma liderança nacional.

Por fim, o presidente brasileiro comenta entre amigos que, se fechasse o Congresso, o povo o apoiaria. Como não pôde fazê-lo, ao menos por enquanto, comprou-o para aprovar sua reforma do Estado e principalmente a proposta de emenda constitucional da reeleição. Ademais, usou o exército na greve dos petroleiros e encarcerou líderes do Movimento dos Sem-Terra acusados de formação de quadrilha, voltando o país a ter presos políticos.

Na realidade, os governos civis neoliberais respondem com mais neoliberalismo a cada crise que enfrentam com as populações. No afã de aprovar suas reformas e prestar contas de seus trabalhos aos agentes financeiros internacionais, só há um caminho para eles: o do autoritarismo.

Do couro sai a correia... E desta "democracia restringida" nasce o autoritarismo, já que ela governa para poucos e usa métodos cada vez mais ditatoriais com os excluídos, que aumentam a cada dia em número e reivindicações. Eles são os "inconformes", ou seja, aqueles que estão na contra-mão da história.

4. PERSPECTIVAS

Frente a este quadro conjuntural, vale a pena fazer um curso superior na expectativa de maior qualificação para melhor emprego? O governo, em sintonia com o Banco Mundial, afirma que a grande causa do desemprego é a baixa especialização da mão-de-obra.

Para tanto, direciona os já poucos recursos alocados à educação em geral para o ensino fundamental. Assim sendo, cria um conflito entre o ensino básico e o superior, procurando enfraquecer a universidade pública e gratuita e todo o seu trabalho de pesquisa e extensão em favor da população.

Na verdade, não é o ensino deficiente do Brasil e da América Latina o responsável pelo nosso subdesenvolvimento, mas sim uma série de outras variáveis muito mais determinantes, tais como, a alta dívida externa, o aumento da corrupção das elites, o protecionismo do Primeiro Mundo aos seus produtos e ao seu mercado interno, a desenfreada fuga de capitais, a vergonhosa distribuição de renda, o incremento de gastos militares para a segurança, o impedimento de qualquer reforma profunda – por parte dos Estados Unidos – em favor das classes marginalizadas, a incompetência da burguesia *criolla* na inovação tecnológica e científica, a dependência da classe política-empresarial aos centros mundiais de poder e a falta de um projeto político-econômico-nacional.¹¹

Quanto à estratégia de enfraquecer a universidade pública, colocando-a na lógica do mercado, o governo a elitiza mais ainda, fazendo com que dois fatos ocorram: a) que o ensino superior se torne cada vez mais um direito dos ricos e, b) que os cursos universitários estejam voltados inteiramente para as exigências do mercado, leia-se: uma minoria privilegiada da população.

Com isso teremos uma universidade pública que não atenderá à expectativa da grande maioria de sua população e que, com um mercado cada vez mais reduzido, não empregará seus futuros profissionais. Ménem, com o cinismo que lhe é característico, chegou a dizer que é muito mais importante ter um trabalhador analfabeto que entenda de computador, que um jovem adolescente que disponha de cultura geral. Portanto, ter um curso superior hoje não é nenhum passaporte para um emprego garantido.

E o que sucederá, por exemplo, com as ciências humanas, neste novo modelo de universidade? A ameaça que paira sobre a Universidade pública e gratuita, a qual é responsável por cerca de 90% das pesquisas em Ciência e Tecnologia feitas no Brasil, atinge de maneira especial as humanidades. Isto porque as *organizações sociais*, ao assumirem seu caráter de *públicas não-estatais* regidas pelo direito privado, serão financiadas especialmente por grupos econômicos interessados apenas nas áreas rentáveis. E ciência humana não significa dividendo imediato.

Com certeza, a estratégia das políticas neoliberais para as ciências humanas será a de não atacá-las, mas deixá-las de lado para forçar sua *modernização*, ou seja, exigir sua transformação em *recursos humanos*, fazendo com que as mesmas coadjuvem na valorização, realização e acumulação do capital. Assim sendo, caberá a elas estudar, analisar e preparar o homem

e a mulher para o exercício do trabalho produtivo, competitivo e individual. E já começa a se delinear, no discurso de alguns intelectuais oportunistas, a defesa deste princípio como mecanismo de se obter o "mal menor".

Isto é o desvirtuamento do objetivo das humanidades, como já aconteceu, em diferente grau, no passado. Durante a guerra do Vietnã, por exemplo, o Pentágono chegou ao extremo de usá-las para fins militares. Algumas instituições universitárias norte-americanas estiveram tão ligadas à estratégia da contra-revolução que chegaram a realizar estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos e históricos, para obter melhores resultados na forma de destruição massiva das populações norte-vietnamitas. Este corpo de cientistas sociais sem uniforme militar teve uma importância tão grande, que ficou conhecido como o quarto exército da nação.¹²

A universidade – dizia Paulo Freire – deve ser a consciência crítica da sociedade. Por isso, o grande papel dela hoje é reverter a axiologia dos valores da acumulação do capital e deste modo oferecer condições para que se construa uma sociedade mais igualitária, justa e humana. Por certo, um trabalho duro e penoso nestes tempos de políticas neoliberais.

** Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com mestrado em Estudos Latino-Americanos na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).*

São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985, p. 86-87.

² VALENZUELA FELJÓ, José Carlos. O Estado neoliberal e o caso mexicano. In: LAURELL, Asa Cristina (org.), *Estado e Políticas Sociais no Neoliberalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1995, p. 16.

³ Os índices positivos do PIB do *milagre econômico* (1970: 12.2%; 1971: 10.9%; 1972: 13.5%; 1973: 9.7%; 1974: 4.2%;) começaram a cair sistematicamente, com uma ou outra elevação, até chegar a um crescimento negativo no início da década dos anos 80. *International Economic Conditions*, Annual Edition, junho/88, publicado pelo The Federal Reserve Bank of St. Louis, p. 12.

⁴ A América Latina tinha uma participação de 10% no comércio mundial em 1984, sendo que dez anos depois houve uma redução para 3%.

⁵ No início dos anos 90 a Corte de Justiça dos Estados Unidos aprovou, por unanimidade, o direito de a Casa Branca requisitar forças armadas para intervir em um país onde houvesse um suposto devedor à justiça estadunidense. O caso mais notório foi o da invasão ao Panamá para prender Manoel Antonio Noriega, acusado de narcotráfico.

⁶ ROMANO, Roberto. A crise da universidade no governo FHC. mimeo, p. 20

⁷ PETRAS, James. Os Fundamentos do Neoliberalismo. In: OURIQUES, N. D. & RAMPINELLI, W. J. *No Fio da Navalha – crítica das reformas neoliberais de FHC*. (orgs.), 2ª ed., São Paulo: Editora Xamã, 1998, p. 16.

⁸ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *O Emprego no Mundo*. Genebra, 1995, p. 27.

⁹ SOROS, George. *A Alquimia das Finanças: lendo a mente do mercado*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

¹⁰ *Times of America*, 10 de jan. 1991, p. 1, citado por PETRAS, James. *Ensaio Contra a Ordem*, São Paulo: Scritta, 1995, pp. 148-149.

¹¹ DIETERICH, Heinz. *La Sociedad Global*, México: Contrapuntos, 1995, pp. 78-79.

¹² KLARE, Michael. *La Guerra sin Fin*. Barcelona: Editorial Noguer, 1974, p. 74.

NOTAS

¹ SAES, Décio. *Classe Média e Sistema Político no Brasil*.

EM VASOS DE ARGILA (2 Cor 4,7)

**lema episcopal de Dom Manoel João Francisco.
Bispo-eleito de Chapecó**

letra e música: Pe. Ney Brasil Pereira

Refrão: *Em vasos de argila, em vasos de argila
trazemos a Graça, divino tesouro.
De Deus é o poder, a Ele a glória
por Seu Filho amado, Jesus Salvador! (2Cor 4,7)*

1. Não é a nós mesmos que anunciamos,
mas a Jesus Cristo, o Mestre e Senhor.
Nós somos os servos, de vós servidores,
por causa do Cristo Jesus, Bom Pastor! (2Cor 4,5)

2. Somos perseguidos, mas não esmagados,
nas dificuldades não somos vencidos!
De Jesus a morte nos deu a vitória,
sua Vida divina rebrilha em nós! (2Cor 4,8-11)

3. Foi Deus quem nos fez vossos servos, ministros
da Nova Aliança do Espírito e Vida;
no Espírito andemos, numa vida nova,
libertos, fraternos, à luz do Senhor! (2Cor 3,6.18)

Florianópolis, ITESC, 28.10.1998